



DIMINUIÇÃO NA COBERTURA VACINAL DA INFLUENZA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 EM UM MUNICÍPIO DO SUL DO BRASIL

RENATA PIZZOLO FONTANELLA; MUNIKY DE LUCA HONORATO; ANTÔNIO AUGUSTO SCHÄFER; CAMILA DALLAZEN; FERNANDA DE OLIVEIRA MELLER

RESUMO

Introdução: Embora se conheça os inúmeros benefícios da vacinação, tem-se observado uma diminuição nas coberturas vacinais. Isso reforça que o monitoramento é essencial para reduzir a hesitação vacinal e, consequentemente, o surgimento de doenças e internações hospitalares além de gastos públicos. Com a pandemia de Covid-19, a cobertura vacinal contra influenza diminuiu, especialmente em alguns públicos-alvo. **Objetivo:** Avaliar a cobertura da vacinação contra a influenza antes e durante a pandemia de COVID-19 bem como seus fatores associados na população adulta e idosa da cidade de Criciúma-SC. **Métodos:** Estudo transversal realizado com dados derivados de duas pesquisas de base populacional realizadas em Criciúma-SC. Todos os moradores com idade maior ou igual a 18 anos dos domicílios selecionados foram convidados a participar do estudo, e as entrevistas foram feitas face a face. Foram realizadas análises descritivas de todas as variáveis estudadas, por meio da apresentação das frequências absoluta e relativa. As prevalências de cobertura vacinal da influenza foram apresentadas bem como seus respectivos intervalos de confiança (IC95%). Análises brutas e ajustadas da associação entre vacinação e as variáveis independentes foram realizadas através de Teste Qui-quadrado de Pearson e Regressão de Poisson, respectivamente, utilizando nível de significância de 5%. **Resultados:** Foram estudados 820 indivíduos antes da pandemia e 863 durante a pandemia. A maioria era do sexo feminino, casado, reportou ter cor da pele branca e não tinha plano de saúde. A cobertura vacinal reduziu 18%; antes da pandemia a prevalência era 59,7% (IC95% 56,2 – 63,0) e durante a pandemia foi 49,0% (IC95% 45,7 – 52,4). Antes da pandemia de COVID-19, 95,1% dos indivíduos reportaram ter recebido a vacina contra influenza no setor público, valor muito similar ao reportado na pesquisa realizada durante a pandemia (92,0%). **Conclusão:** Observa-se uma queda na cobertura vacinal contra influenza durante a pandemia de COVID-19. Os achados reforçam a necessidade de desenvolver estratégias de saúde pública como forma de aumentar a prevalência de vacinação contra a influenza, especialmente nos grupos de maior risco.

Palavras-chave: Hesitação Vacinal; Programa Nacional de Imunização; Gripe; *Fake News*; Mecanismo de Ação.

1 INTRODUÇÃO

A vacina é uma estratégia de prevenção individual e coletiva que pode ser considerada um investimento em saúde devido ao seu excelente custo, efetividade e impacto na prevenção das doenças (NÓVOA et al, 2020). A vacinação é um serviço básico, passando obrigatoriamente a ser planejada no conjunto das ações oferecidas pela rede de serviços de saúde (BRASIL, 2001a).

O Programa Nacional de Imunizações (PNI), criado em 1973, foi fruto de uma iniciativa

que, em um contexto político adverso, contou com a convergência de sanitaristas comprometidos com a saúde da população e de uma burocracia pública nacionalista (BRASIL, 2001b). É responsável por organizar e coordenar todas as ações de vacinação, e busca garantir vacinação para todos os indivíduos, independentemente da classe social e localidade de residência (área rural ou urbana) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2003). Além disso, tem como missão o controle, erradicação e eliminação das doenças imunopreveníveis. Para isso, o Ministério da Saúde estabelece alguns indicadores que subsidiam a análise do programa que são a cobertura vacinal, taxa de abandono e taxa de homogeneidade (BRASIL, 2001).

As vacinas são uma forma segura e eficaz e de prevenir doenças e salvar vidas. A não vacinação da população coloca várias pessoas em risco além de contribuir para o aumento da circulação das doenças. Quando a vacina surgiu houve uma queda drástica na incidência de doenças que costumavam vitimar milhares de pessoas todos os anos. Atualmente, algumas pessoas se recusam a se imunizar, com isso poderemos ter novos casos de doenças que já estavam erradicadas, e assim, novas epidemias ou pandemias.

A imunização é necessária, pois fortalece a saúde coletiva e previne diversas complicações e risco à saúde, fortalecendo a imunidade individual e coletiva. Há alguns anos a cobertura vacinal contra a influenza já vem declinando, e com o surgimento da COVID-19 essa redução se acentuou. Entre outros motivos, havia orientações para a população “ficar em casa” e também se adotou o distanciamento social, que fez com que a população não saísse de suas casas, pois tinham medos e incertezas. Diante disso, o estudo justifica-se pela importância de verificar a cobertura vacinal da influenza antes e durante a pandemia na cidade de Criciúma-SC bem como os fatores que estão associados a isso. Avaliar a cobertura da vacinação contra a influenza antes e durante a pandemia de COVID-19 bem como seus fatores associados na população adulta e idosa da cidade de Criciúma-SC.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal realizado com dados derivados de duas pesquisas de base populacional realizadas em Criciúma-SC. Todos os moradores com idade maior ou igual a 18 anos dos domicílios selecionados foram convidados a participar do estudo, e as entrevistas foram feitas face a face. A amostragem tomou como base o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2011), sendo realizada em duas etapas, com a definição dos setores censitários - que são as unidades primárias - e dos domicílios - que são as unidades secundárias. Primeiramente, foram listados em ordem e conforme código determinado, todos os 306 setores censitários que estavam localizados na área urbana do município e possuíam propriedades privadas. Após, 25% destes setores foram sorteados, finalizando com um total de 77 setores censitários, nos quais foram identificados 15.218 domicílios. Dentro dos setores sorteados, foram selecionados sistematicamente cerca de 600 domicílios para participar de ambas as pesquisas (“Saúde da População Criciumense” e “Mental Covid”). Todos os moradores com idade maior ou igual a 18 anos dos domicílios selecionados foram convidados a participar do estudo. Para a “Pesquisa Saúde da População Criciumense” foi utilizado questionário em papel com tempo médio de aplicação de 30 minutos. Continha questões sobre dados sociodemográficos, comportamentais, antropométricos e de saúde. As entrevistas foram feitas face a face.

Na pesquisa Mental Covid, foi utilizado o *software* RedCap para a coleta dos dados. O questionário teve duração média de 30 minutos e continha questões referentes a hábitos de vida, comportamentos e questões de saúde mental. As entrevistas também foram feitas face a face utilizando todos os equipamentos de proteção individual necessários para o momento da pandemia de Covid-19.

Para permitir a qualidade e a checagem dos dados foi realizada dupla digitação no *software* EpiData 3.1. A variável dependente estudada foi a vacinação contra a influenza

avaliada em dois momentos, antes e durante a pandemia de COVID-19, e as independentes foram as características demográficas, socioeconômicas, comportamentais e de saúde.

Foram realizadas análises descritivas de todas as variáveis estudadas, por meio da apresentação das frequências absoluta (n) e relativa (%). As prevalências de cobertura vacinal da influenza foram apresentadas bem como seus respectivos intervalos de confiança (IC95%). Análises brutas e ajustadas da associação entre vacinação e as variáveis independentes foram realizadas através de Teste Qui-quadrado de Pearson e Regressão de Poisson, respectivamente, utilizando nível de significância de 5%. Para as análises ajustadas foi construído modelo hierárquico de determinação e todas as variáveis com nível de significância de 20% ($p < 0,20$) permaneceram no modelo como possíveis fatores de confusão. Todas as análises foram realizadas no programa estatístico Stata versão 16.1.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

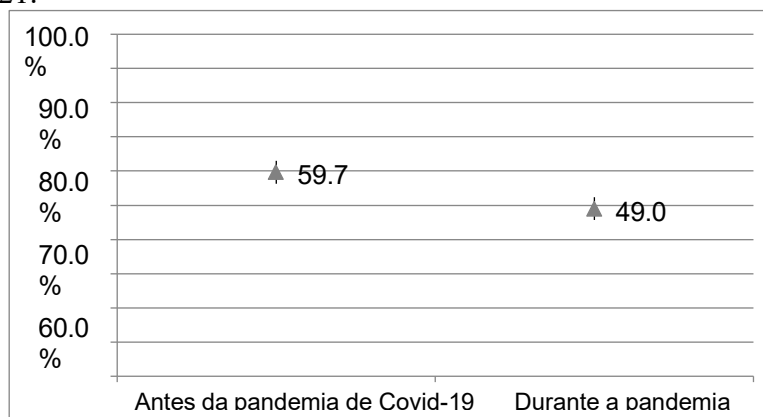
A pesquisa realizada previamente à pandemia de COVID-19 envolveu 820 indivíduos (taxa de resposta de 86,1%). A maioria era do sexo feminino (63,8%), casado (60,4%), tinha 60 anos ou mais de idade (45,0%) e reportou ter cor da pele branca (82,5%). Ademais, cerca de um terço deles tinha o ensino médio completo (32,5%) (Tabela 1). Referente às variáveis de saúde, a maioria dos participantes não tinha plano de saúde (72,0%) e quase metade deles relataram percepção de saúde muito boa/boa (49,6%). Além disso, cerca de 20% dos participantes apresentavam três ou mais doenças crônicas.

Durante a pandemia de COVID-19, na pesquisa “Mental Covid”, foram estudados 863 indivíduos (taxa de resposta de 75%). Mais da metade dos entrevistados era do sexo feminino (58,4%), casado (55,9%) e reportou ter cor de pele branca (83,2%). Além disso, cerca de um quarto tinha ensino superior completo (22,9%) e quase um terço tinha 60 anos ou mais de idade (29,7%). Quanto às características relacionadas à saúde, a maioria não tinha plano de saúde (72,4%) e um quarto relatou percepção de saúde regular, ruim ou muito ruim (25,0%). Além disso, 6,6% dos indivíduos apresentavam três ou mais doenças crônicas.

Observa-se que a maioria dos indivíduos aderiu ao distanciamento social (97,4%), não relatou infodemia (busca excessiva por informações) (77,8%) e não alegou medo da COVID-19 (82,0%). Ademais, cerca de um quinto dos entrevistados referiu sintomas de COVID-19 (16,1%) e 28,3% deles procuraram os serviços de saúde.

A Figura 1 apresenta a cobertura vacinal contra influenza antes e durante a pandemia de COVID-19. Nota-se que a cobertura vacinal antes da pandemia foi de 59,7% (IC95% 56,2 – 63,0) e durante a pandemia teve uma redução significativa para 49,0% (IC95% 45,7 – 52,4).

Figura 1-Cobertura vacinal contra influenza antes e durante a pandemia de COVID-19. Criciúma-SC, 2019-2021.



Valor $p < 0,001$

Este estudo, que teve como objetivo avaliar a cobertura da vacinação contra a influenza antes e durante a pandemia de COVID-19, evidenciou importantes resultados. A cobertura vacinal, no município de Criciúma, reduziu 18% durante a pandemia (59,7% vs 49,0%). Além disso, antes da pandemia, apenas os indivíduos idosos tiveram maior probabilidade de receber a vacinação contra influenza, enquanto durante a pandemia, indivíduos idosos, que tinham plano de saúde e que apresentavam três ou mais doenças crônicas foram os que apresentaram maiores prevalências de vacinação.

Embora a prevalência de vacinação contra a influenza tenha sido mais baixa que a meta de cobertura vacinal proposta para os grupos prioritários no ano de 2019 pelo Ministério da Saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019), a vacina contra influenza atingiu uma boa cobertura de maneira universal no ano de 2019. Segundo dados do Sistema de Informações do Programa Nacional de Imunizações (SIPNI), a cobertura vacinal na região Sul do Brasil no mesmo ano (2019) foi de 93,5%. Destaca-se que no curso dos anos, houve mudanças nas metas de cobertura da vacinação, avançando de 80% da população-alvo desde 2008 para 90% a partir de 2017, justamente pelo bom desempenho da campanha na população-alvo global (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021). Mesmo com o aumento no total da população elegível para se vacinar, manteve-se uma boa abrangência, em especial no grupo de idosos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021), o que vai ao encontro dos resultados do presente estudo, no qual os indivíduos idosos apresentaram maior prevalência na vacinação.

No que diz respeito aos fatores relacionados à vacinação contra influenza antes da pandemia, indivíduos idosos tiveram maior probabilidade de receber a vacina. Similarmente, estudo recente, que investigou fatores associados à adesão da vacina, destacou o aumento da idade como preditor de vacinação contra influenza (NEVES et al., 2020). Vários fatores podem estar relacionados à maior taxa de vacinação neste subgrupo, um exemplo é o fato de o número de morbidades aumentar com a idade (NUNES et al., 2019), o que implica no maior contato com o sistema de saúde (BHUGRA et al., 2021) e consequentemente à maior probabilidade de vacinação.

Outro fator importante a ser considerado nesse estudo é a baixa prevalência da vacinação contra a gripe em jovens. Possivelmente, indivíduos com idade mais avançada aderem mais à vacinação devido ao fato de os maiores de 60 anos acudirem mais aos serviços de saúde, comparativamente aos adultos (20-59 anos). Assim, pode-se supor que esse grupo esteja mais atento às informações sobre campanhas de vacinação e outras ofertas do serviço público de saúde. Diante do baixo percentual da população jovem que se vacinou, faz-se necessário intensificar as campanhas e promover a vacinação entre usuários dos serviços de saúde, sobretudo para a população adulta jovem. Estudo recente indica que a mídia é um importante meio para lembrar o início e a duração das campanhas de vacinação contra influenza, assim como a recomendação pelos profissionais de saúde também é um importante fator para a adesão à vacinação (BACURAU; FRANCISCO, 2022). Portanto, indica-se maior valorização da importância da vacinação pelo serviço de saúde e o incentivo desta pelos profissionais, de modo que haja o fortalecimento das campanhas de vacinação de maneira universal.

4 CONCLUSÃO

Os resultados do presente estudo mostraram uma queda de 18% na cobertura vacinal contra influenza durante a pandemia de COVID-19 quando comparada a dados coletados antes da pandemia. A vacinação contra influenza antes da pandemia foi associada ao aumento da idade, ou seja, indivíduos idosos apresentaram maior probabilidade de se vacinar. Já, durante a pandemia, indivíduos idosos, com plano de saúde e que apresentavam três ou mais doenças crônicas apresentaram maior prevalência de vacinação.

Os achados aqui evidenciados reforçam a necessidade de desenvolver estratégias de saúde pública como forma de aumentar a prevalência de vacinação contra a influenza, especialmente nos grupos de maior risco, a fim de reduzir as complicações e óbitos associados à infecção pelo vírus.

REFERÊNCIAS

BACURAU, A. G. M.; FRANCISCO, P. M. S. B. Doenças crônicas em idosos e vacinação contra a influenza: orientação dos profissionais de saúde e o papel da mídia. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**. v. 17, n. 44, p. 2819, 2022.

BHUGRA, P. et al. Determinants of Influenza Vaccine Uptake in Patients With Cardiovascular Disease and Strategies for Improvement. **Journal of the American Heart Association**. v. 10, n.15, p.019 - 671. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Relatório de atividades**. DF. 2001. BRASIL. Ministério da Saúde. **Relatório de atividades**. DF. 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Informe Técnico. **23ª Campanha Nacional de Vacinação Contra a Influenza**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/g/gripe-influenza/arquivos/informe-tecnico-influenza-2021.pdf>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Informe Técnico. **21ª Campanha Nacional de Vacinação contra a Influenza**. abr. 2019. Disponível em: <https://sbim.org.br/images/files/notas-tecnicas/informe-tecnico-campanha-influenza2019.pdf>.

NEVES, C. R. et al. Preditores de aceitação da vacina contra influenza: tradução para o português e validação de um questionário. **Cadernos de Saúde Pública**. v.36, n.2, 2020.

NÓVO, T. et al. Cobertura vacinal do programa nacional de imunizações. **Brazilian Journal of Health Review**. v.3, n.4, p. 7863-7873, jul. 2020.

NUNES, B. P. et al. Multimorbidity. **Revista de Saúde Pública**. v.2, n.52, p.2-10, jan. 2019.